

## **TROTULA DI RUGGIERO: UMA ABORDAGEM HOLÍSTICA DA SAÚDE E DAS PRÁTICAS MÉDICAS NA SALERNO DO SÉCULO XI SOB O VIÉS DA TRADUÇÃO**

**Karine Simoni**

Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina  
Professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (UFSC)  
*kasimoni@gmail.com*

### **Resumo**

Trotula di Ruggiero, a mais conhecida dentre as médicas da Escola de Medicina de Salerno, destacou-se no século XI por sua visão do corpo, das doenças e dos tratamentos destinados às mulheres. Seu tratado *De Passionibus Mulierum Curandarum* [Sobre as doenças das mulheres] aborda a medicina de maneira integrativa, unindo conhecimentos de ginecologia, obstetrícia, cosmética e higiene, utilizando-se de fontes multivariadas que vão desde os clássicos Hipócrates e Galeno até os saberes das mulheres transmitidos de geração a geração, além da própria observação dos sintomas. Este artigo explora a ideia de Trotula como intelectual cujo *modus operandis* estava pautado no bem-estar da mulher e na valorização de saberes femininos. Inicialmente apresenta-se Trotula no contexto socioeconômico de Salerno e da Escola de Medicina salernitana; teço considerações sobre o apagamento do seu nome ao longo da história; elenco as motivações para a escrita do tratado; seus temas, fontes, estrutura e a difusão da obra; para finalmente focar em aspectos do tratado em que se identifica a intelectualidade holística de Trotula na concepção de corpo, saúde e tratamento.

**Palavras-chave:** Trotula di Ruggiero; Sobre a doença das mulheres, abordagem holística

## **TROTULA DI RUGGIERO: A HOLISTIC APPROACH TO HEALTH AND MEDICAL PRACTICES IN 11TH-CENTURY SALERNO THROUGH THE LENS OF TRANSLATION**

### **Abstract**

Trotula di Ruggiero, the most renowned female physician of the Salerno School of Medicine, distinguished herself in the 11th century through her comprehensive understanding of the female body, diseases, and treatments. Her treatise *De Passionibus Mulierum Curandarum* (On the Diseases of Women) adopts an integrative approach to medicine, combining knowledge from gynecology, obstetrics, cosmetics, and hygiene. Trotula drew upon a wide array of sources, ranging from classical authorities such as Hippocrates and Galen to the experiential wisdom of women passed down through generations, as well as her own clinical observations. This article examines Trotula as an intellectual whose *modus operandi* centered on women's well-being and the recognition of female knowledge. It begins by situating Trotula within the socioeconomic context of Salerno and its medical school, followed by an analysis of the historical erasure of her name. The discussion then explores the motivations behind her treatise, its themes, sources, structure, and dissemination. Finally, the focus shifts to specific aspects of the treatise that reveal Trotula's holistic intellectual approach to the concepts of the body, health, and treatment.

**Keywords:** Trotula di Ruggiero; On the diseases of women; holistic approach

Este texto é a versão escrita da palestra realizada por ocasião do projeto de extensão “A Intellectualidade Feminina na Idade Média”, organizado em 2021 pelo professor Edison Bisso Cruxen – a quem reitero meus agradecimentos pela oportunidade – no âmbito do Laboratório de Pesquisas e Estudos em História Medieval da Universidade Federal do Pampa (LAPEHME/Unipampa). Na ocasião, dediquei-me a refletir sobre a intelectualidade de Trotula di Ruggiero, professora e médica da Escola Médica de Salerno, sul da Itália, que viveu no século XI e escreveu ao menos dois textos dedicados à saúde e ao embelezamento das mulheres.

Meu contato com Trotula partiu da experiência de tradução do tratado *De passionibus mulierum* [Sobre as doenças das mulheres], publicada em 2018 e realizada em parceria com o professor Alder Calado e com a professora Luciana Calado Deplagne. Antes de tudo, gostaria de dizer que compreendo a tradução como o desejo e a busca em “reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro” (Berman, 2013, p. 95); acrescento que traduzir é um processo que envolve escolhas não apenas linguísticas; é também um lugar de escolhas políticas, e em particular os Estudos Feministas da Tradução têm “um trabalho primordial a desenvolver, questionando o que se traduz, quem decide o que se traduz, e qual critério embasa essas escolhas” (Castro, 2017, p. 229), adotando desse modo uma atitude mais inclusiva e atenta à visibilidade de vozes que via de regra permaneceram à margem, como vemos frequentemente com textos de autoras mulheres. Vista por essa perspectiva, a tradução tem o potencial de transformar o conhecimento disponível, ao recuperar obras de mulheres que foram historicamente silenciadas.

Para fins didáticos, na minha exposição inicialmente apresento Trotula no contexto socioeconômico de Salerno e da Escola de Medicina salernitana; teço considerações sobre o apagamento do nome de Trotula nos séculos subsequentes à sua existência; elenco as motivações para a escrita do tratado *Sobre as doenças das mulheres*, seus temas, fontes, estrutura e a difusão da obra pela Europa; para finalmente focar em aspectos do tratado em que vejo a intelectualidade holística de Trotula na concepção de corpo, saúde e tratamento. Por fim, reflito sobre o papel da tradução para a visibilidade das mulheres medievais.

### **Trotula e seu tempo: ser intelectual na Salerno do século XI**

A proposta de se pensar uma intelectualidade feminina na Idade Média tem, entre outros méritos, o de desafiar narrativas históricas tradicionais que por longo tempo invisibilizaram ou subestimaram a contribuição das mulheres para a produção e transmissão de conhecimento. Embora o acesso das mulheres à educação formal e à participação em certos espaços intelectuais tenha sido bastante limitado, muitas delas se destacaram em diversos contextos e vêm sendo

estudadas inclusive no Brasil, como é o caso de Hildegard de Bingen (1098-1179), Heloise (1101-1164), Juliana de Norwich (aprox. 1342-1416), Christine de Pizan (1364-1430), Margery Kempe (aprox. 1373-após 1438), Isabel de Villena (1430-1490), dentre outras. (Deplagne, 2015; Brochado e Deplagne, 2018) Esses exemplos mostram como, apesar das restrições, várias mulheres medievais se destacaram, frequentemente utilizando estratégias para legitimar sua produção escrita, como alegar inspiração divina ou enquadrar seus textos dentro de narrativas aceitáveis pela Igreja. Para Claudia Brochado, os escritos de mulheres se sobressaíram na chamada Baixa Idade Média por contribuição de alguns fatores:

Houveram mudanças substanciais no contexto histórico [...] que permitiram a constituição deste lugar de anúncio da palavra feminina. Para citar algumas, a confluência de novas culturas, a romano-germânica, e também a árabe, principalmente no espaço ibérico. Outra fundamental foi a expansão do cristianismo e das instituições monásticas, que passam a ser espaço de refúgio de muitas mulheres, com a possibilidade concreta de acesso à escrita, mais difícil em outros espaços. (2015, p. 111)

A escrita seria então um marco possível ou mesmo necessário para se reconhecer a intelectualidade da mulher? Quais critérios têm sido utilizados para definir “intelectualidade” e como eles podem ter excluído as mulheres? Que obstáculos as mulheres enfrentaram para serem reconhecidas como intelectuais? Perguntas como essas podem não levar a respostas completas, mas são válidas, a meu ver, para compreender a participação histórica das mulheres no meio intelectual, e também para reavaliar as formas como o saber é produzido e reconhecido.

Le Goff, no seu texto sobre os intelectuais da Idade Média, defende que a figura do intelectual é visível somente no século XII: “Mesmo os que anunciam o intelectual dos séculos futuros não o são ainda eles próprios” (2003, p. 30). O intelectual era, ainda segundo o autor, “Um homem cujo ofício é escrever ou ensinar, e de preferência as duas coisas a um só tempo, um homem que, profissionalmente, tem uma atividade de professor e de erudito, em resumo, um intelectual – esse homem só aparecerá com as cidades.” (2003, p. 30). Nesse sentido, o entendimento de Le Goff não comporta a experiência de mulheres como Trotula, nem de outras mulheres que não viviam da profissão de escrever e ensinar, possivelmente porque, via de regra, a definição de “intelectualidade” esteve associada a espaços masculinos, como universidades, academias e círculos literários, ambientes que por séculos foram inacessíveis às mulheres.

Já no seu sentido etimológico, “intelectual” tem o significado de *aquela ou aquele que tem intelecto*; de origem latina, provém da *intelligere, intellegere*: entender (inter = entre, legere = escolher, eleger a parte melhor). No sentido mais abrangente, o termo está relacionado à faculdade de formar ideias gerais, depois de tê-las criticado e distinguidas mediante o juízo, modo de entender. (Pianigiani, 2004-2008) Visto a partir dessa perspectiva, o indivíduo

intelectual, portanto, não se limita a acumular conhecimento ou a refletir sobre ideias abstratas, mas sim propõe-se a interpretá-las e conectá-las à realidade, engajando-se ativamente e contribuindo para promover transformações no meio onde vive. É nesse sentido que compreendo Trotula como uma intelectual, pois, como veremos, ela não apenas conhecia os saberes médicos de sua época, mas também os selecionava e aplicava de maneira prática, juntamente com outros saberes conhecidos e utilizados pelas mulheres curandeiras e parteiras, em prol da saúde das mulheres.

Para compreender a intelectualidade de Trotula, é preciso considerar o contexto do principado de Salerno, que por volta do ano mil ocupava uma área considerável do sul da Itália e usufruía “de grande fama no mundo medieval pela habilidade dos numerosos médicos que ali residiam e que haviam trazido da Sicília métodos e conhecimentos dos sábios árabes”, de modo que “até a fundação da faculdade de medicina de Montpellier, no século XII, Salerno foi o principal centro de estudos médicos de todo o Ocidente cristão”<sup>1</sup> (Milza, 2006, p. 212). Provavelmente esse fenômeno tenha sido possível por conta de uma série de fatores que Pierre Milza chama de “milagre italiano dos séculos XI-XII”, e que compreendem, por exemplo, a reabertura do Mediterrâneo após o bloqueio sarraceno e normando; a contribuição do ouro islâmico, que impulsionou a economia; o fluxo dos modelos orientais, vetores da herança cultural e científica dos antigos; o progresso tecnológico; o aumento demográfico; a ausência de conflitos bélicos significativos e os efeitos climáticos positivos que permitiram o florescimento de muitas cidades italianas nessa época. (2006, p. 204-205)

Nesse cenário favorável, um notável fluxo de pessoas com conhecimentos médicos e filosóficos do mundo antigo, sobretudo árabes e gregos, se estabeleceu na região de Salerno, originando a *Schola Medica Salernitana* provavelmente no século IX, com seu ápice no século XI, quando as traduções de textos da medicina grega antiga e das obras de Avicenas e Averrois, feitas pelo bispo salernitano Alfano I e pelo monge beneditino Constantino, o Africano, permitiram que um notável conhecimento fosse disponibilizado e difundido. A *Hippocratica civitas*, assim chamada pelo rei Ferdinando II, tornou-se a primeira instituição médica desse tipo na Europa, antecedendo as universidades que iriam surgir nos séculos seguintes, de tal modo caracterizada pelo sincretismo cultural feito de heranças, trocas, criatividade, que a medicina era ensinada em latim, grego, árabe e hebraico. (Ferrara, 2021, p. 21-23)

---

<sup>1</sup> “godette di grande fama nel mondo medievale per la perizia dei numerosi medici che vi risiedevano, e che avevano importato dalla Sicilia metodi e conoscenze dei sapienti arabi. [...] Fino alla fondazione della facoltà di medicina di Montpellier, nel XII secolo, Salerno resta il principale centro di studi medici di tutto l’Occidente cristiano”. As traduções, quando não indicado o contrário nas referências bibliográficas, são de minha autoria.

As origens lendárias da *Schola salernitana* estão na figura de quatro peregrinos: um grego, um latino, um árabe e um judeu, que teriam se encontrado em busca de refúgio em uma noite de tempestade. Salernus, o latino, enfrentava um ferimento na perna, e por esse motivo os outros viajantes se aproximaram dele, interessados nas medicações e nas técnicas de tratar o machucado. A partir de então, passaram a compartilhar experiências médicas e decidiram iniciar a escola médica baseada na junção dos conhecimentos de medicina de cada um. (Ferrara, 2021, p. 16) Essa imagem, verdadeira ou lendária, é bastante significativa porque historicamente indica o entrelaçamento multicultural da região de Salerno e a colaboração entre diferentes povos, sobretudo hebraica, árabe, persa, grega e latina, que integraram suas respectivas características e singularidades. O tratado de Trotula é um exemplo de como esses conhecimentos interagiam, pois, como veremos, nele estão presentes várias referências à medicina grega, latina, árabe e persa, seja nas técnicas, seja nos compostos e farmacologia usada nos tratamentos.

Figura 1 Escola Médica Salernitana. Manuscrito do “Cânone da medicina”, de Avicena



Além composição multicultural, uma das principais inovações da Escola de Medicina salernitana estava na visão secular, quase pré-humanista, de governantes como Frederico II, que promoveram a inclusão das mulheres nos estudos e nas práticas médicas em condições iguais às dos homens, algo possivelmente inédito até então e que não se repetiria amplamente nos séculos subsequentes. Segundo Erika Maderna,

A observação livre e laica, irrepitível e peculiar da experiência de Salerno, que colocava a escola fora do controle direto da Igreja, talvez esteja na base dessa extraordinária abertura ao mundo das mulheres, aceitas tanto como estudantes quanto como professoras em todas as áreas especializadas, e não apenas na obstetrícia.[...] Esse aspecto é de fundamental importância, pois permitiu que as *medichesse*<sup>2</sup> se redimissem da condição submersa das praticantes empíricas para se expressarem em uma dimensão intelectual, teórica, até então controlada pelo mundo profissional masculino<sup>3</sup>. (2017, p. 55).

Trotula, portanto, não foi a única mulher da Escola de Salerno, embora tenha sido a mais representativa, a *magister*: as médicas que ali atuavam eram conhecidas como Damas da Escola de Salerno (Santucci: 2008, p. 87) e as fontes indicam que eram respeitadas como tal, pois, apesar da misoginia dos clérigos, os séculos XI-XII representam um apogeu no poder e na autoridade da mulher, e “entra-se numa «fase de matriarcado da história da Europa».[...] A situação econômica, jurídica, social é-lhes favorável [...]. Elas gozam além disso de uma liberdade de costumes excepcional, difícil de explicar”. (L’Hermitte-Leclercq, 1990, p. 273)

O fato das mulheres usufruírem certa liberdade e prestígio não significou, contudo, que os registros históricos acerca de suas vidas tenham chegado abundantemente até nós. Com efeito, mesmo Trotula, a mais célebre das mulheres da Escola de Medicina salernitana, tem sua existência esfumada em muitos silêncios. Sabe-se que pertencera a uma família aristocrata de boas condições financeiras; que teria falecido provavelmente em 1085 ou 1097, conforme certidões fúnebres da catedral de Salerno; teria se casado com o médico Giovanni Plateario e tido dois filhos, Giovanni Plateario, o Jovem, e Matteo Plateario, que também abraçaram a medicina. (Cavallo, 1994)

---

<sup>2</sup> Mantenho o termo em italiano para indicar uma diferença entre “medica” e “medichessa”. Segundo a Accademia della Crusca, ambos os termos existem em italiano, mas *medichessa* está ligado às práticas e figuras próprias da arte médica do passado ancestral da mulher, como as sacerdotisas curadoras, personagens dotadas de poderes mágicos e de capacidades divinas. (Crusca, 2017)

<sup>3</sup> “La notazione libera e laica, irripetibile e peculiare dell’esperienza salernitana, che poneva la scuola al di fuori del diretto controllo della Chiesa, è forse alla base di questa straordinaria apertura al mondo delle donne, accettate tanto come studentesse che come insegnanti in tutti i campi specialistici, e non solo nell’ostetricia[...]. Questo aspetto è di fondamentale importanza, dal momento che permetteva alle medichesse di riscattarsi dalla condizione sommersa di praticanti empiriche, per esprimersi in una dimensione intellettuale, teorica, fino ad allora controllata dal mondo professionale maschile.”

Figura 2. Representação de Trotula di Ruggiero.  
Manuscrito do século XII. Londres, Wellcome Library



Figura 3. Uma médica trata seu paciente.  
Codex Vindobonensis 93, sul da Itália, século XIII



Salvatore di Renzi, pioneiro no resgate dos escritos médicos medievais, dedica 16 páginas a Trotula na sua *Storia documentata della Scuola Medica di Salerno* [História documentada da Escola Médica de Salerno] (1857), e descreve a existência da médica com adjetivos como “mulher famosa”, na época “do último príncipe lombardo”, cuja atuação pode ser comprovada com “documentos incontestáveis”. Citando várias fontes medievais para reafirmar a existência de Trotula, o autor destaca ainda que o tratado atribuído à Trotula “foi escrito por um médico posterior, que deveria ter vivido no início do século XIII; mas o próprio autor admite tê-lo extraído da obra de Trotula, a quem ele chama de *Magistra operis*.”<sup>4</sup> (1857, p. 193). Outra importante referência à Trotula está na *Storia Ecclesiastica*, do cronista anglo-normando e monge beneditino Olderico Vitale, que descreve a passagem de um erudito por Salerno em 1059 e o encontro com uma douta senhora de nome Trotula (Maderna, 2017). Ainda, o poeta parisiense Rutebeuf, no século XIII, fala de Trotula como “a dama mais sábia que já existiu”, assim como Geoffrey Chaucer nos seus *Contos da Cantuária*, do século XIV.

Se na sua época Trotula foi considerada sábia, respeitada, como confirmam, por exemplo, as traduções dos seus tratados para espanhol, francês, inglês, alemão, além de adaptado para o irlandês, o hebraico e o catalão, seu nome passou gradativamente a ser alvo de desconfiança e descrédito. Segundo Pina Cavallo (1994), uma notável mudança na percepção do papel da mulher na sociedade ocorreu a partir da Reforma Gregoriana, ou Revolução Papal,

<sup>4</sup> “Questo libro come vedemmo è stato scritto da un Medico posteriore, e che viver doveva a’principi del tredicesimo secolo: ma l’Autore stesso confessa di averlo estratto dall’opera di Trotula, che chiama *Magistra operis*.”

iniciada no século XI e consolidada ao longo dos séculos seguintes, que promovia, dentre outros aspectos, o absolutismo do poder papal e a hegemonia da Igreja. Nesse novo contexto, a imposição de um modelo hierárquico mais rígido dentro da Igreja consolidou a exclusão das mulheres dos espaços de decisão e ela passou a ser cada vez mais considerada incapaz e inferior ao homem, afastada de papéis que envolviam liderança religiosa, passando a ser vista como fonte de tentação e perigo moral para os homens. A visão teológica predominante após a reforma, portanto, reforçou estereótipos negativos sobre as mulheres, culminando em sua associação com o mal, cujo auge foi alcançado na Idade Moderna, a partir do século XV, com os horrendos episódios de caça às bruxas conduzidos pelo Tribunal da Inquisição.

Precisamos ainda considerar que, além da Reforma Gregoriana, a criação das Universidades deu aos homens o poder e a legitimidade do conhecimento intelectual, rompendo com o modelo anterior de colaboração e igualdade entre os gêneros. A profissionalização da medicina através das Universidades banuiu a mulher desse contexto profissional, marcando assim sua expulsão do campo da medicina oficial, assinalando também a separação progressiva entre medicina culta e a medicina popular. (Cavallo, 1994, p. 07).

Essa configuração parece bastante elucidativa para compreender as razões pelas quais Trotula foi excluída da história. Não por acaso, no século XVI Hans Kaspar Wolf publicou *De mulierum passionibus* (1566) atribuindo a obra à figura masculina de Eros Juliae, um ex-escravizado que havia pertencido à filha de Augusto. Desde então, o ceticismo sobre a existência de Trotula se consolidou na comunidade médico-científica, perdurando até o século XX, quando ainda foi vista por nomes como Paul Meyer (1915) como um personagem fictício, imaginário, e historiadores da medicina, como Konrad Hiersemann (1921) e Charles Singer (1924) rejeitavam a possibilidade de que uma mulher pudesse ter escrito tal tratado. Somente em 1930, a feminista e obstetra canadense Kate Hurd-Mead publicou um artigo demonstrando a veracidade da existência Trotula e a autenticidade dos seus escritos. (Barillari, 2012, p. 271-272)

### **Sobre as doenças das mulheres: motivações, temas, fontes, estrutura**

Os tratados de Trotula de que se têm notícia são *De passionibus mulierum ante, in e post partum* [Sobre as doenças da mulher antes, durante e depois do parto], também chamado de *Trotula maggiore* [Trotula maior], e *De ornatu mulierum* [Sobre a beleza das mulheres], ou *Trotula minore* [Trotula menor], escritos em latim, visto que na época não existia uma língua vernacular comum a toda a península itálica, e também pelo prestígio da língua latina, que

servia como língua universal e permitia que médicos e estudiosos de diferentes regiões da Europa se comunicassem e compartilhassem conhecimentos de maneira padronizada.

Como foi referenciado por Salvatore di Renzi, anteriormente citado, os tratados de Trotula resultam de uma cópia, remetente ao século XIII, do manuscrito original, cujo paradeiro hoje é desconhecido. Pina Cavallo (1994, p.33-36) afirma que existem mais de cem manuscritos atribuídos à obra de Trotula, atualmente espalhados por bibliotecas de cidades como Bruxelas, Oxford, Leipzig, Londres, Paris, Munique, Florença, Madri e Cidade do Vaticano. Embora esses manuscritos frequentemente apresentem variações de composição e estrutura, o volume significativo de documentos reforça a tese de que uma médica com o nome Trotula tenha, de fato, existido, e que sua obra tenha sido amplamente transcrita, reelaborada e traduzida para outras línguas, tradução que, vale lembrar, era entendida como uma apropriação do texto, feita com comentários, glosas e outras intervenções por parte do tradutor. Em 1544, o editor Georg Kraut compilou os três manuscritos mais conhecidos e os publicou em um único volume, utilizando pela primeira vez a prensa, sob o título *De passionibus mulierum ante, in et post partum* [Sobre as doenças das mulheres]. Essa edição, que permanece como a versão mais amplamente divulgada até hoje, inclui tanto o tratado sobre doenças quanto o tratado sobre beleza, e foi essa a fonte utilizada por Pina Cavallo na tradução para o italiano (1994), Monica Green na tradução para o inglês (2001), e Alder Calado, Luciana Calado Deplagne e Karine Simoni na tradução para o português (2018).

Figura 4. Manuscrito de Trotula, Paris, Bibliothèque Nationale de France. Séc. XIII



As razões para escrever o tratado são mostrados pela própria Trotula ainda na introdução:

Porque as mulheres são por natureza mais frágeis que os homens, nelas as doenças abundam com mais frequência, sobretudo em torno dos órgãos reservados à função natural. Como esses estão posicionados em um lugar mais íntimo, por pudor e pela fragilidade da sua condição, elas não ousam revelar ao médico as aflições das suas enfermidades. Por tal motivo, eu, tendo compaixão pela sua desventura e particularmente impulsionada pela solicitação de uma certa senhora, comecei a ocupar-me diligentemente das doenças que muito frequentemente molestem o sexo feminino. (2018, p 37)

O fato de Trotula ser mulher conferia a ela um nível de legitimidade e uma capacidade de entendimento que muitos médicos homens da época não possuíam, especialmente em relação aos cuidados de saúde específicos das mulheres. No trecho citado, há nitidamente o estabelecimento de uma relação íntima e de confiança entre a médica e a paciente, condição que lhes permitia vivenciar uma conexão mais profunda e familiar, e uma compreensão mais empática, por parte da médica, das questões relacionadas à fisiologia da mulher. Essa dinâmica de franqueza certamente permitia a criação de um ambiente mais propício para diagnósticos e tratamentos mais precisos e, ainda, a formação de redes de cuidado e apoio, onde o conhecimento, a experiência e a cooperação de outras mulheres – parteiras, curandeiras, *medichesse* –, acumulados por meio da prática da transmissão oral, eram valorizados. Um exemplo disso pode ser notado no trecho a seguir, presente no capítulo XX, *Sobre as coisas que acontecem às mulheres depois do parto*, em que se vê uma narrativa de cuidado e de solidariedade em situações de vulnerabilidade da mulher no pós-parto:

Existem também mulheres que sofrem por causa da saída do útero depois do parto. Para bem socorrê-las, pegue artemísia, pulicária, zimbro, cânfora, absinto, ferva bem em água e prepare um banho, no qual a mulher deve ser imersa até os seios. Depois ela deve ser colocada com delicadeza na cama e ali descansar com os pés erguidos até que o útero seja recolocado no lugar. [...] De maneira similar, para a saída da vulva depois do parto aplicamos um tampão, comprimindo-o de modo que não saia se não quando a paciente urina. Além disso, no terceiro dia realizamos um banho e espalhamos nas partes posteriores, para que não inchem, o seguinte: pegue gengibre, piretro, canela, e de cada um se faça um pó. (2018, p. 99 e 101)

Ao escrever suas práticas e seus conhecimentos, que por sua vez reverberavam os saberes ancestrais de outras mulheres, Trotula posicionava-se na sociedade como alguém que acreditava ser tão capaz quanto os homens para exercer a sua intelectualidade pensando, escrevendo, ensinando. A atenção para com o corpo e o bem estar físico e emocional da mulher ocupa a maior parte do tratado, dividido em 61 capítulos, mais dois capítulos que teriam sido inseridos a posteriori. Dentre os problemas de saúde apresentados por Trotula, estão a falta ou o excesso das menstruações, o prurido e o inchaço nos órgãos genitais, a infertilidade feminina e masculina, o câncer, o excesso de suor, as hemorroidas, a disenteria, a presença de piolhos e

sarnas, a dor de dente, o mau-hálito, as feridas na pele, as doenças dos olhos e da garganta; além disso, o tratado tem capítulos dedicados tanto a sugestões para evitar a gravidez quanto para alcançá-la, os cuidados durante o período da gravidez, meios para tornar o parto menos dolorido e cuidados com o recém-nascido e com a mulher após o parto, soluções para repor a virgindade da mulher, formas para emagrecer e para acalmar o desejo sexual das mulheres impossibilitadas de realizá-lo. Para cada doença ou problema, além da descrição, Trotula apresenta o tratamento, baseado principalmente nas ervas medicinais ministradas de modo puro ou misturadas entre si, em forma de chás, emplastros, pessários, pomadas, unguentos ou fumigações.

Como foi dito, na maior parte do texto encontramos referências à saúde da mulher e descrições indicando tratamentos que revelam um aspecto profundamente humanista e feminista, ainda que o termo não existisse na época: a construção de uma comunidade solidária em torno do corpo e das necessidades das mulheres. Ao descrever processos de doenças e de cura, Trotula utiliza-se tanto dos saberes de Hipócrates e Galeno quanto daqueles da tradição das mulheres curandeiras que cuidavam umas das outras, mostrando como as mulheres criavam espaços próprios de conhecimento e resistência, desafiando estruturas patriarcais que frequentemente ignoravam ou patologizavam suas experiências corporais.

### **Trotula, intelectual holística: concepção de saúde e tratamento do corpo doente**

As doenças pertencem à história e às mentalidades, como bem afirmou Le Goff (1985), ou seja, as doenças não são apenas fenômenos biológicos; elas são também construções sociais, cuja percepção, diagnóstico e tratamento estão profundamente enraizados nos saberes, valores e crenças de cada período. Os modos de interpretar e lidar com o adoecimento do corpo variam conforme os contextos históricos e culturais, e, no caso de Trotula, podemos aferir que sua intelectualidade/ capacidade de criticar o mundo e de agir sobre ele advém pelo menos de três meios: o primeiro do contato direto com a doença, através da observação dos sintomas e do estado geral da paciente, construindo com ela o possível diagnóstico. O segundo elemento a construir o conhecimento de Trotula estava, como foi dito, na sabedoria ancestral das parteiras e curandeiras, bastante presentes nos capítulos que mostram as mulheres em momentos de maior fragilidade, como no momento do parto, e de algumas práticas mágicas que a colocam em contato direto com a medicina de cunho mais “primitivo”, “mágico”, com o uso de amuletos, por exemplo. A terceira fonte de onde provinha o saber de Trotula era o estudo de textos credenciados pela comunidade médica, como é o caso dos escritos de Hipócrates (século III a.C), citado três vezes no tratado, de Galeno (século II-III), médico e filósofo romano, citado por onze vezes, e Paulo de Egina, médico grego-bizantino (625-690). Portanto, podemos

acreditar que Trotula sabia das doenças das mulheres não só por ser ela mesma uma mulher e por ter maior abertura para ouvi-las, mas por ter acesso e estudar o conhecimento médico disponível nos livros na sua época.

Ao longo do tratado, são vários os momentos nos quais fica evidente que a intelectualidade de Trotula parte da teoria dos quatro humores elaborados por Hipócrates e Galeno. Segundo esses médicos, a saúde estava vinculada ao equilíbrio dos quatro humores: a bile negra, associada ao elemento terra, com características frias e secas; o sangue, relacionado ao ar, de natureza quente e úmida; o fleuma, representando a água, com qualidades frias e úmidas; e a bile amarela, ligada ao fogo, com propriedades quentes e secas (outras abordagens utilizam-se da ideia de temperamentos, a saber: colérico, sanguíneo, fleumático, e melancólico). A predominância de um desses humores no organismo influenciaria tanto a personalidade do indivíduo quanto sua predisposição a certas enfermidades; por esse motivo, os humores deveriam estar em equilíbrio para que a pessoa tivesse boa saúde (Rooney, 2013, p. 22-23). Trotula atribui ao homem uma natureza predominantemente quente e seca, enquanto a mulher teria uma característica predominantemente fria e úmida. Partindo dessa premissa, elabora seu estudo na direção do que poderíamos considerar uma medicina de gênero:

No momento em que DEUS, autor do universo, na primeira formação do mundo distinguiu os seres de acordo com suas espécies, separou por singular virtude o gênero humano acima das outras criaturas. A este, de fato, além da condição dos outros seres animados, deu a liberdade da razão e do intelecto. Para isso, querendo que sua progênie subsistisse eternamente, com sexo distinto criou macho e fêmea, a fim de que, mediante a fecunda reprodução, jamais deixasse de proliferar a futura descendência. Na verdade, moderando as compleições através de agradável mistura, constituiu o **temperamento do macho quente e seco** e o da **femeazinha frio e úmido**, de modo que o excesso de cada um dos temperamentos fosse limitado pela mútua oposição das qualidades contrárias. Dessa maneira, a constituição quente e seca do homem acalmaria a frieza e a umidade da mulher e, por outro lado, a natureza fria e úmida desta o temperamento quente e seco daquele. De igual modo, também para que o macho, por ter uma estrutura mais forte, espalhasse o sêmen na mulher como em um campo, e a mulher, provida de uma estrutura mais frágil, quase como que submetida à função do homem, recebesse por predisposição o sêmen derramado no ventre. (2018, p. 35. Grifos meus)

O trecho que dá início ao tratado oferece uma janela para a interpretação da mentalidade da época, revelando como conceitos científicos e religiosos se entrelaçavam para justificar normas sociais e biológicas, em que a distinção entre os sexos era compreendida com base na teoria dos humores e temperamentos – o do homem, quente e seco; o da mulher, frio e úmido – que buscava harmonizar as diferenças biológicas através da interação das qualidades opostas. Trotula atua como tradutora cultural entre o conhecimento antigo e o mundo em que vive; reforça a ideia de que a complementaridade entre os humores vincula as relações de gênero à

função reprodutiva e, por fim, apresenta o homem de forma hierárquica como o mais forte e ativo, o agente que espalha o sêmen, enquanto a mulher, com estrutura mais frágil, desempenha um papel passivo, submetido, que recebe e nutre o sêmen no ventre. Desse modo, ela não foge às normas e valores do seu tempo, mas, por outro lado, a sua intelectualidade, ou forma de pensar e de atuar no mundo, transcende a cultura da época, pois apresenta sensibilidade para as especificidades do corpo feminino, e centra-se não na compreensão da doença em si, mas no reconhecimento dos sintomas com a finalidade de trazer o bem-estar da mulher e a valorização do corpo feminino.

É por tal razão que me refiro à intelectualidade *holística* de Trotula, termo que, vale lembrar, provém do grego “holos”, que significa “todo” ou “inteiro”, e, por extensão, implica em uma visão que não fragmenta o conhecimento, mas busca entender os fenômenos em sua totalidade, considerando a interconexão entre corpo, mente, espírito, ambiente. Desse modo, o ponto de partida para compreender o *modus operandi* de Trotula diz respeito à necessidade de conhecer o corpo feminino, especialmente em um contexto histórico de limitações sociais e científicas, para melhor atendê-lo nas suas demandas. O que é o corpo para Trotula e o que ela de fato conhece dele, e como o conhece, já que, vale lembrar, as dissecações humanas eram proibidas e muitos eram os mistérios, preconceitos e imposições culturais que ditavam como ele deveria ser compreendido e vivido? O corpo é “um mundo que varia com as condições materiais, os modos de habitar, os modos de garantir as trocas, de fabricar os objetos, impondo modos diferentes de experimentar o sensível e de utilizá-lo, um mundo que também varia com a cultura” (Corbin, Courtine, Vigarello, 2012, p. 7), ou seja, o conhecimento sobre o corpo não é apenas biológico, mas também cultural, político e filosófico.

Trotula parece compreender o corpo da mulher a partir de um conjunto de metodologias que combina observação dos sintomas, experiência pessoal, saberes de outras mulheres, conhecimento empírico transmitido oralmente ou por meio da leitura dos textos clássicos da medicina, reflexões sobre crenças e aspectos do cotidiano e possibilidades de tratamento. A título de exemplo, indicações de vigiar a paciente para perceber os sintomas são facilmente encontradas ao longo de todo o texto, como no trecho que segue, retirado do Capítulo VI – *Sobre a compressão do útero*, e sugerem, aos olhos atuais, um ritmo lento de se relacionar com a doença, intuindo as causas a partir do que o corpo manifesta:

Às vezes o útero se comprime, pois se desloca visivelmente em direção ao alto, causando um distúrbio no estômago e diminuição do apetite por causa do enfraquecimento do coração. De vez em quando as mulheres sofrem desmaios e o pulso se enfraquece de tal modo que fica quase imperceptível. Pelo mesmo motivo, outras vezes a mulher se encolhe a ponto da testa se unir aos joelhos,

ficando sem a visão e sem a função da palavra; o nariz se entorta, os dentes rangem e os batimentos aumentam mais que o normal. (2018, p. 53 e 55)

No tratado, é bastante evidente que as doenças no corpo feminino são causadas por um desequilíbrio no ciclo menstrual, que é apresentado não como um processo fisiológico regular, mas como uma forma peculiar de purificação natural, cuja interrupção ou irregularidade poderia comprometer a harmonia interna do corpo e, conseqüentemente, resultar em enfermidades diversas. Explica Trotula:

Como nas mulheres o calor não é tão abundante a ponto de exaurir os humores prejudiciais e supérfluos que cotidianamente nelas são concentrados, e também porque a sua fragilidade não consegue agüentar uma fadiga tão grande de modo que a sua constituição possa, como nos homens, expeli-los através do suor, a mesma natureza, devido ao defeito de calor, destinou-lhes uma particular forma de purificação, ou seja, as menstruações, que o vulgo chama de “flores”. De fato, como as árvores não produzem frutos sem flores, as mulheres sem as suas específicas flores são privadas da função de conceber. Essa purificação é para as mulheres o que é a poluição noturna para os homens. A natureza, quando é sobrecarregada por certos humores, esforça-se sempre, tanto nos homens como nas mulheres, para derrubar o jugo e diminuir o cansaço. (2018, p. 37)

Às vezes faltam as menstruações porque no corpo das mulheres o sangue coagulou ou fluiu por outros lugares, como pela boca ou pelas narinas, através do escarro ou das hemorroidas. As menstruações, às vezes, vêm em menor quantidade devido ao excesso de dor ou raiva, ou também devido à agitação e ao medo. Por outro lado, no caso de terem parado há muito tempo, revelam a suspeita de uma futura doença grave. De fato, a urina muda para a cor vermelha ou para a cor de carne fresca lavada e o rosto da mulher fica esverdeado ou lívido, ou mesmo com uma cor tal qual a da grama. (2018, p. 37- 39)

Os termos “menstruação” e “útero” aparecem respectivamente cerca de 35 e 95 vezes no tratado, o que demonstra que Trotula considera essas características fisiológicas do corpo feminino como o grande diferenciador para entender, diagnosticar e tratar as doenças das mulheres: “quanto mais falharem as menstruações e superabundar o esperma, mais incômoda e mais longa é a enfermidade” (2018, p. 55). Para Trotula, portanto, seria improvável promover o bem estar do organismo feminino sem considerar o bom funcionamento do sistema reprodutor, que, além do mais, teria no tratado o papel social de indicar que a função natural das mulheres seria a procriação, conforme os costumes da época, essencial para a continuidade da família e da sociedade. Assim como as árvores não dão frutos sem flores, também as mulheres sem as “flores” não podem conceber, por isso o útero é tão importante e diretamente conectado ao restante do corpo, como demonstrado no trecho a seguir, retirado do Capítulo XI – *Sobre a dificuldade de conceber e sobre as coisas que favorecem a fecundação*:

Se a mulher não puder conceber por causa da excessiva umidade do útero, este será o sintoma: terá os olhos constantemente lacrimosos. De fato, sendo o útero ligado ao cérebro através dos nervos, é inevitável que o cérebro não sofra junto com o útero, por isso, se o útero tiver dentro de si umidade excessiva, dessa se enche o cérebro e, derramando-se sobre os olhos, obriga-os a emitir lágrimas involuntariamente. E porque o cérebro sofre com o útero, a retenção das menstruações é um indício de paralisação do útero. [...] Se o útero não estiver bem purificado, em outro dia deve ser feito do mesmo modo um pessário de trífida magna com um pouco de musgo. Isso deve continuar a ser feito até que se perceba, através do fluxo externo, que a umidade desapareceu. Em seguida, pegue um pouco de musgo com óleo de almíscar ou outro óleo perfumado, para que seja introduzido novamente na vulva e, se ela tiver sido bem purificada, será possível sentir o cheiro na boca, motivo pelo qual se alguém beijasse a mulher acreditaria ter ela o musgo na boca. Da mesma forma, se depois dessa purificação ela tiver sede, saiba que está bem limpa e, portanto, estando ela purificada, deve ter relações sexuais com frequência e assim conceberá. (2018, p. 71)

Sem o suporte de dissecações ou estudos anatômicos detalhados, que só se tornaram mais comuns no Renascimento, Trotula apresenta uma visão de corpo não compartimentalizado, ou seja, uma percepção intuitiva da interconexão entre os sistemas corporais. A visão holística do corpo considerava, por exemplo, que o útero não era apenas um órgão isolado, mas parte de uma rede que influenciava e era influenciada pelo cérebro, pelas emoções e pela saúde geral da mulher, um entendimento que a medicina moderna só veio a integrar plenamente mais tarde.

Outra oportunidade de verificarmos a intelectualidade holística apregoada por Trotula está na ideia de que a saúde e o bem estar da mulher estão relacionados com o ambiente familiar-social em que ela vive. É o caso do parto, um momento feminino coletivo e solidário em que a necessidade de dar assistência à mulher e o respeito às suas vontades são enfatizadas. No *Capítulo XV – Sobre a alimentação das mulheres grávidas*, ela escreve:

Chegando o momento do parto, a mulher deve ser submetida a banhos frequentes, seu abdômen deve ser unguento com óleo de oliva ou mesmo com óleo violáceo, e ela deve se alimentar com comidas leves e facilmente digeríveis. Se os pés estiverem inchados, devem ser besuntados com óleo de rosas e vinagre. Depois de outros alimentos, comer alimentos leves, marmelo, romãs. Se o abdômen tende à flatulência, pegue semente de ápio, âmio, mentastro, de cada um três dracmas; almecega, cravos-da-índia, cardamomo, raízes de garança, de cada um três dracmas; castóreo, zedoária, íris, duas dracmas cada, e cinco dracmas de açúcar. Desses ingredientes deve ser feito um pó finíssimo, misturado com mel, e devem ser dadas à paciente três medidas pequenas com vinho.

Em primeiro lugar, então, se a dificuldade no parto for observada, é preciso principalmente recorrer a Deus. Passando aos auxílios terrenos, é bom para a mulher que tem dificuldade de dar à luz banhar-se na água onde foram cozidas malva, feno grego, semente de linho e cevada. Devem ser untados os quadris, o abdômen, as coxas e a virilha com óleo violáceo ou de rosas; ela deve ser

massageada com força [...] A mulher deve ser conduzida pela casa com passos lentos e aqueles que cuidam dela não devem olhar em seu rosto, porque as mulheres a esse olhar costumam envergonhar-se durante e depois do parto.

Novamente podemos visualizar aspectos significativos da prática obstétrica na época de Trotula que combinam crenças espirituais, conhecimentos empíricos e elementos culturais, como a orientação de não olhar no rosto da parturiente, o que parece indicar como a privacidade, o pudor e os laços de solidariedade eram altamente valorizados entre as mulheres, especialmente em momentos vulneráveis como o parto. Criar um ambiente de apoio e solidariedade aliviava a angústia da paciente e poderia ter efeitos fisiológicos positivos, como a redução do estresse e o conforto emocional advindo com o suporte social, que por sua vez influenciaria diretamente a resposta do corpo ao tratamento – não por acaso, palavras como “socorrer”, “ajudar” e “aliviar” são tão recorrentes no vocabulário de Trotula.

Figura 5. Nascimento da Virgem Maria (1335 e 1342) Pintura a têmpera sobre madeira de Pietro Lorenzetti, Museu da Obra da Catedral de Siena. Cerca de dois séculos após a obra de Trotula, o nascimento continuava a ser retratado com a forte presença de figuras femininas.



Como pudemos observar nos exemplos, o tratado de Trotula manifesta vivamente o conhecimento da botânica destinado às mulheres para o alívio dos sintomas, cura e prevenção das doenças. São referenciadas no texto cerca de 200 ervas diferentes, divididas, por sua vez, em ervas “quentes” e “frias”, ministradas de modo puro ou misturadas através da ingestão de chás, infusões, emplastos, fumigações, pessários, pomadas, unguentos, banhos de vapor e de água. Somente em uma ocasião Trotula recomenda a sangria, um método mais agressivo e que envolvia mais riscos para a paciente. Por outro lado, um dos remédios mais recomendados é a

fumigação com substâncias de cheiros agradáveis e ou odores fétidos, a depender do caso, como se pode observar no trecho a seguir:

[...] pegue gengibre, folhas de louro e sabina, esmague-os juntos em uma panela de barro, coloque-os sobre brasas em um banco forrado; a mulher deve sentar-se sobre isso e receber o vapor nas partes inferiores, e assim as menstruações irão voltar; isso deve ser feito três ou quatro vezes ou mais. A mulher que fizer essas fumigações com frequência deve untar a parte interna da vulva com unguentos frios para que não se aqueça muito. Para os fins citados, também é benéfica uma fumigação de cominho, funcho, endro, calaminta, menta, urtiga, misturados ou separados. Também são benéficos a escarificação e, do mesmo modo, o coito. Por outro lado, é maléfica a sangria feita na mão. Se estiver sem febre, a paciente deve comer alho-porró, cebola, pimenta, alho, cominho, peixes escamosos; deve beber também vinho forte se estiver sem dor de cabeça, sem enfraquecimento de nervos e sem febre, porque em todas as febres o vinho faz mal. (2018, p. 47)

A doença pode ser entendida como um desequilíbrio, originado tanto por influências externas, como o clima, quanto por fatores internos, como a alimentação, e a ação do/a médico/a é dupla: orientar as pessoas sobre como manter o equilíbrio dos humores corporais e trabalhar para restaurar o bem-estar. Nesse contexto, a limpeza do corpo assume um papel central, uma vez que, em quase todos os tratamentos, fica evidente a importância da purificação corporal: práticas como induzir o suor, promover escarificações, estimular a micção, além de recomendar a ingestão de líquidos e bons alimentos, além dos banhos de água ou vapor, são formas de promover e conservar a saúde.

Na abordagem holística de Trotula, a saúde depende, portanto, da integração entre medicamentos, boa alimentação, repouso e cuidados higiênicos; a saúde não é somente a ausência de doenças, ela é consequência do bem-estar, e este, por sua vez, abrange também aspectos emocionais e sociais; está relacionado ao sentir-se bem com o próprio corpo e com o ambiente. Dito de outro modo, a saúde física seria a base, enquanto o bem-estar seria a experiência subjetiva que dá sentido a essa base. Enquanto os medicamentos atuariam diretamente sobre sintomas e doenças específicas, o autocuidado ajudaria a fortalecer o organismo e a prevenir novos desequilíbrios; ainda que não dito explicitamente no tratado, a promoção da beleza reflete a ideia de positividade perante a vida, e é bem possível que Trotula tenha associado essa premissa a uma vida mais tranquila e feliz.

O tratado *De ornatu mulierum* [Sobre a beleza das mulheres], que, como foi dito, a partir do século XVI foi editado junto ao tratado *De passionibus mulierum ante, in e post partum* [Sobre as doenças da mulher antes, durante e depois do parto], dedica-se, portanto, à estimular cuidados para o alcance e a manutenção da beleza da mulher. Dentre as práticas e receitas estão orientações para as mulheres fazerem pomadas depilatórias e pastas para escovar os dentes; o

que devem fazer para ter uma pele mais lisa e livre de manchas, ou alcançar cabelos loiros ou escuros; como encaracolar os cabelos, como fazê-los crescer ou torná-los mais espessos; ou ainda maneiras de suavizar a pele das mãos e adquirir uma cor mais bonita no rosto, nos dentes e nos lábios. Em um dos trechos, lemos:

(r) **Outro procedimento para o mesmo objetivo, que alveja os dentes deixando-os muito brancos.** Após a refeição, o paciente deve lavar a boca com um bom vinho, então enxaguar bem e limpar os dentes com um pano asseado novo, depois, deve mastigar funcho todos os dias, ou levístico, ou então salsa, que é melhor para mastigar porque produz um cheiro agradável e limpa bem as gengivas, tornando bem alveitados os dentes. (2018, p. 151)

A atenção dada ao aspecto físico externo e ao seu embelezamento são indícios do valor dado ao corpo, que precisa ser ajudado, melhorado, revigorado por conta da passagem do tempo e do cansaço ao qual é submetido cotidianamente. A boa convivência íntima e social depende também da beleza e bem-estar individual, como é notado no capítulo sobre o mau-hálito:

[...] vi uma sarracena curando muitas mulheres com tal medicamento. Ela pegava um pouco de folha de louro, um pouco de musgo e mandava que as mulheres colocassem debaixo da língua para evitar que se percebesse seu forte hálito. Isso também eu recomendo: que a mulher mantenha esse medicamento sob a língua durante o dia e à noite, sobretudo quando tiver relações íntimas. (2018, p. 153)

Também para curar as fissuras nos lábios, devido ao excesso de beijos e abraços dos amantes, é eficiente um bálsamo feito com uma mucilagem de semente de pulicária ou de unguento de lírio. E se essas fissuras aconteceram por conta da exposição ao ar ou ao vento e causas similares, unte os lábios com mel e depois passe neles pó de colofônia. Ou então pegue uma noz grande e a coloque sob cinza quente, o núcleo deve ser triturado e sobre as fissuras deve ser aplicado óleo de tártaro, e assim se curará. (2018, p. 155)

Para o embelezamento/ rejuvenescimento do corpo, são feitas indicações de banhos, compressas e massagens, acrescidos de tratamentos à base de minerais, óleos, resinas e principalmente ervas e compostos medicinais, que também são a base dos tratamentos das doenças no restante do tratado. Contudo, o que mais chama a atenção nesse trecho é a abordagem humanizada de Trotula em relação à saúde e ao prazer, enfoque, aliás, que seria pouco provável de ser apresentado por um homem, o que reforça ainda mais a ideia de que o texto foi escrito por uma mulher. Assim como em outros momentos do tratado, práticas afetivas como o ato de beijar, e o próprio ato sexual em si, são tratadas com normalidade e sem julgamentos morais, sendo reconhecidos pela sua relevância na vida humana e integrados ao cotidiano, como no Capítulo XXXV, *Sobre como contrair a vulva de modo que, mesmo se violada, pareça virgem*, em que Trotula analisa: “Se, por motivo digno, não nos fosse permitido tratar sobre a redução da amplitude da vulva, não faríamos qualquer menção, mas, uma vez que,

às vezes, a concepção é impedida por causa disso, é necessário intervir para sanar tal impedimento.” (2018, p. 115)

Trotula é uma intelectual que age sobre o mundo, portanto, de uma maneira bastante diferente e talvez oposta ao que a tradição dos padres da Igreja diz a respeito do corpo e a respeito das mulheres. Para a norma eclesiástica, mais punitiva e controladora, a morte, o sofrimento, o trabalho entraram no mundo através das mulheres, personificadas na figura de Eva, daí porque monitorar e controlar o corpo e a sexualidade das mulheres seria tarefa para os homens. (veja-se: Lerner, 2019) Para manter o poder sobre o feminino, e também para assegurar a continuidade da espécie, o prazer foi associado a um ato infame e imoral, enquanto a castidade foi exaltada como virtude. Conhecimentos científicos, teológicos, morais, se baseavam na ideia de que o corpo da mulher, se não poderia manter-se casto, deveria tender unicamente para a procriação. Segundo Peter Stearns,

A visão cristã alicerçou-se na concepção judaica de que o poder divino era uma instância bastante apartada das ações dos seres humanos comuns. A perspectiva cristã também se calcou na ênfase judaica da importância de confinar o sexo ao casamento e priorizar a procriação, além de outros precedentes, não apenas a lei judaica, mas também na cultura grega, que enfatizava a fraqueza moral do gênero feminino e a necessidade de um controle rigoroso das mulheres, criaturas que, embora possuíssem alma imortal, estavam mais próximas que os homens do comportamento animal. (2010, p. 83)

Transformações históricas foram concedendo à Igreja uma autoridade crescente sobre a sociedade, especialmente em relação à vida das mulheres, tornando essa influência cada vez mais opressiva e perigosa, especialmente na época moderna, quando o corpo humano, particularmente o da mulher, passou a ser visto não apenas como uma manifestação física do pecado, mas como um instrumento do mal e do demônio, como bem apregoaram os inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger no seu *Malleus Maleficarum* [Martelo das Feiticeiras], de 1484. (2014)

Nesse contexto, a obra de Trotula – e provavelmente muitas de suas ideias – sofreu frequentes reelaborações e apropriações que não apenas apagaram por séculos a sua contribuição autoral, mas também distorceram seus ensinamentos e seu legado, adaptando-o às normas patriarcais que buscavam controlar o acesso das mulheres ao conhecimento e à autonomia sobre seus corpos. Esse apagamento não apenas privou gerações subsequentes de reconhecerem a herança intelectual de Trotula e das mulheres de Salerno, mas também perpetuou desigualdades estruturais que sistematicamente deslegitimizaram o conhecimento feminino.

### **A título de conclusão: traduzir como estratégia de transformação**

Com este estudo, fruto de reflexões iniciadas em um processo de tradução, espero ter conseguido cumprir o meu objetivo de defender a intelectualidade de Trotula. Almejo ainda ter mostrado como seu tratado contribui não apenas para dar visibilidade a costumes e modos de vida da época em que foi escrito, como também a oportunidade de refletir sobre o pensamento e as ações das mulheres. Os/As medievalistas sabem das dificuldades de encontrar fontes, da escassez de histórias de vida das mulheres, e hoje é certamente consenso a necessidade de ampliar as possibilidades de pesquisa; ir além das representações consagradas das mulheres como Eva e Maria, e buscar mulheres para que suas próprias palavras reverberem e alimentem a história, reescrevendo-a a partir de novos prismas. A tradução é nesse sentido um instrumento muito capaz de criar consciência das questões que envolvem escrita e reescrita dos textos, capaz de olhar criticamente para os poderes e capaz de criar novas formas de expressão e de reflexão do/ sobre e para o mundo.

As considerações sobre a intelectualidade de Trotula, naturalmente, não se esgotam no que mostrei aqui, pelo contrário: seu tratado, representativo de uma das poucas vozes femininas preservadas no campo da medicina medieval, deve, a meu ver, continuar a ser lido, estudado, interpretado. Estudar e traduzir Trotula, bem como outras mulheres em diferentes áreas do saber, é mais do que um exercício acadêmico; é um ato político-crítico; uma forma de reconhecer e resgatar a contribuição das mulheres na história da ciência, da teologia, da medicina, da cultura; é, ainda, promover uma justiça histórica às mulheres.

A tradução, nesse contexto, assume um papel central, pois, “Dentro das políticas de um mundo em processo de decolonização, a tradução é a ferramenta que catalisa o novo conhecimento que possivelmente fundamenta uma nova práxis política.” (Collins, 2019, p. 26) Em um mundo cada vez mais comprometido com os processos de decolonização, ela se torna uma ferramenta poderosa de transformação, uma vez que, ao transportar ideias de um contexto sócio-linguístico-cultural para outro, amplia o alcance dessas vozes; incentiva a questionar as narrativas dominantes que frequentemente relegaram essas produções ao silêncio ou à invisibilidade, permitindo que novos conhecimentos, muitas vezes originários de perspectivas marginalizadas, emergjam e ganhem legitimidade.

Referências bibliográficas

BARRILLARI, Sonia. Il corpo delle donne: il magistero di Trocta. In: CASARETTO, Francesco Mosetti. *Il corpo impuro e le sue rappresentazioni nelle letterature medievali*. Alessandria: Edizioni dell’Orso, 2012.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. 2ª ed. Tradução de Andréia Guerini, Marie-Hélène Catherine Torres e Mauri Furlan. Florianópolis/ Tubarão: DLLE-PGET/ Copiart, 2013.

BROCHADO, Claudia. As intelectuais da Idade Média – por uma genealogia feminina: Isabel de Villena, escritora ibérica do séc. XV. In: DEPLAGNE, Luciana Calado. (org.) *As intelectuais na Idade Média. Pensadoras, místicas, cientistas e literatas*. João Pessoa: Editora UFPB, 2015. p. 105-120.

CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda? Tradução de Beatriz Regina Guimarães Barboza. In: *TradTerm*, São Paulo, v.29, Julho/2017, p. 216-250. <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/134563/130370>. Acesso em: 2 set. 2024.

CAVALLO, Pina Boggi. Introduzione. In: RUGGIERO, Trotula. *Sulle malattie delle donne*. (a cura di Pina Boggi Cavallo) Tradução de Piero Cantalupa. Palermo: La Luna, 1994.

COLLINS, Patricia Hill. Sobre tradução e ativismo intelectual. In: *Revista Ártemis*, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 25-32, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/46697>. Acesso em: 2 set. 2024.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo. Vol. 1. Da Renascença às Luzes*. 5ª ed. Tradução de Lúcia Orth. Petrópolis: Vozes, 2012.

CRUSCA, Accademia. *Quesiti linguistici. La Crusca: si può dire anche “medica” e “medichessa”*. In: <https://www.linkiesta.it/2017/02/la-crusca-si-puo-dire-anche-medica-e-medichessa/>. Acesso em 24 mai.2020.

DEPLAGNE, Luciana Calado. (org.) *As intelectuais na Idade Média. Pensadoras, místicas, cientistas e literatas*. João Pessoa: Editora UFPB, 2015.

DI RENZI, Salvatore. Trotula. In: *Storia documentata della Scuola Medica di Salerno*. Napoli, 1857.

FERRARA, Giuseppe. *La scuola medica salernitana: incontro di culture e condivisione di saperi fiorito sulle sponde del Mediterraneo*. Gaeta: Passerino Editore, 2021.

GREEN, Monica. *The Trotula. A medieval compendium of women’s medicine*. Pennsylvania: Penn Press, 2001.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. 23ª edição. Tradução Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2014.

L’HERMITE-LECLERCQ, Paulette. A ordem feudal (séculos XI-XII). In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (orgs.) *História das mulheres no Ocidente. Vol. 2. A Idade Média*. Tradução de Ana Losa Ramalho, Egipto Gonçalves, et ali. Porto: Afrontamento, 1990. p. 273-329.

LE GOFF, Jacques. (org.) *As doenças têm história*. Tradução de Laurinda Born. Lisboa: Terramar, 1985.

LE GOFF, Jacques. *Os Intelectuais na Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado*. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MADERNA, Erika. *Medichesse. La vocazione femminile alla cura*. 3ª ed. Sansepolcro: Aboca Museum, 2017.

MILZA, Pierre. *Storia d'Italia. Dalla preistoria ai giorni nostri*. Tradução aos cuidados do *Studio Oltremare*. Milano: Corbaccio, 2006.

PIANIGIANI Ottorino. *Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana*. versão online 2004-2008. Disponível em: <https://www.etimo.it/>. Acesso em 14 out. 2024.

ROONEY, Anne. *A história da medicina*. Tradução de Maria Lúcia Rosa. São Paulo: M. Books do Brasil, 2013.

RUGGIERO, Trotula di. *Sobre as doenças das mulheres*. (Tradução e organização: Alder Calado, Karine Simoni e Luciana Calado Deplagne. Florianópolis: UFSC/DLLE/PGET, 2018.

SANTUCCI, Francesca. *Virgo virago: Donne fra mito e storia, letteratura ed arte, dall'Antichità a Beatrice Cenci*. Catania: Akkuaria, 2008.

SIMONI, Karine. Più si divide con gli altri e più si moltiplica: a medicina de Trotula do século XI ao século XXI. In: *SIGNUM – Revista da ABREM*, v. 24, 2023. p. 235-257.

SIMONI, Karine. Tradução como (re)conhecimento: lições de Trotula para a história das mulheres e da medicina. In: *Revista Graphos*, Universidade Federal da Paraíba, v. 22, 2020. p. 91-105.

SIMONI, Karine. Tradução e circulação dos conhecimentos médicos na Idade Média e no Renascimento: presenças e ausências das mulheres. In: Lucina Calado Deplagne; Roberto Carlos de Assis. (Org.). *Tradução, transculturalidade e ensino: de Christine de Pizan à contemporaneidade*. João Pessoa: Editora do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba, 2022. p. 45-62.

STEARNS, Peter. *História da Sexualidade*. Tradução de Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2019.